



Belera
PORTO



Fábrica Barcelense
TEXTIL JOÃO DUARTE-S. A. R. L.
MALHAS, RENDAS E PASSAMANARIAS

APARTADO 1
BARCELOS

1921

... 100 ANOS ...



BARCELCOM
TÊXTEIS

2021



Fábrica Barcelense



(469.12)"1921/2021"

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 66475

Barcelonense

Grande centro têxtil de Portugal, que marca a paisagem do seu território, pelo volume dos seus equipamentos e diversidade geográfica, Barcelos contribui, de forma assinalável, para o aumento da empregabilidade e para o crescimento económico.

São inúmeras empresas e os trabalhadores da indústria têxtil e de outros ramos existentes no nosso concelho.

Esta característica do tecido produtivo barcelense iniciou-se, verdadeiramente há cem anos, com João Duarte, um barcelense determinado e congregador de vontades, com grande apetência social que fundou a Fábrica Barcelense, inicialmente uma empresa de rendas e passamanarias que começa a laborar em 1921.

Uns anos antes, no início da década anterior, em 1905, D. José Domenech, um cidadão espanhol, natural de Denia, naturalizado português e barcelense, funda uma fábrica de serração de madeiras, dando início ao desenvolvimento industrial de Barcelos.

João Duarte haveria de fundar outras indústrias, quer em Barcelos, quer no Porto, demonstrando uma capacidade empreendedora que o guindou ao mais alto nível do desempenho da vida industrial e económica de Barcelos e de Portugal.

Verdadeira escola da arte têxtil, muitos dos colaboradores de João Duarte fundaram, mais tarde, outras empresas, contribuindo para o desenvolvimento industrial barcelense.

Em meados do século XIX, o “Jornal do Povo”, na sua edição de 17 de agosto de 1866, dava-nos uma excelente e rigorosa imagem da economia e sociedade barcelenses, referindo que “não há em Barcelos indústria alguma”:

“A sua posição topográfica é bela e aprazível; os arrabaldes deliciosos e pitorescos; o ar é puro, e saudável; o solo ubérrego, e as águas excelentes, sobressaindo a todas na leveza a da Fonte de Ninães em Barcelinhos. É povoação farta de todos os géneros necessários à vida, em razão do grande mercado, que semanalmente se faz às quintas-feiras, talvez o mais importante de todo o Reino, por concorrerem a ele para cima de dez mil pessoas.

O comércio permanente é escasso, e limitado, constando apenas de 5 ou 6 lojas de fazendas, bastantes de mercearia, havendo em compensação bastantes tabernas, não tanto para consumo de terra, como mais especialmente de gente de fora, que afluíu à feira.

Não há em Barcelos indústria alguma, quando pela sua posição geográfica, e por outras circunstâncias vantajosas, podia, senão exceder, pelo menos igualar outras terras menos favorecidas da natureza, nas

quais se exploram várias indústrias artísticas, e fabris, que fornecendo a seus habitantes trabalho honesto, e lucrativo, dão importância ao país, aperfeiçoam as artes, desenvolvem o comércio, e fomentam os bons costumes, banindo a ociosidade, que é a origem de todos os vícios.

A sua população excede 2.500 habitantes: os seus naturais têm carácter lhano, hospitaleiro, serviçale afável; são ousados, e destemidos nos perigos, minimamente religiosos, e fiéis a seus legítimos Soberanos; e se alguma vez tem sido mareadas estas nobres qualidades dos naturais de Barcelos, provêm do contacto, em que se acham com adventícios de depravados costumes, que entre eles tem estabelecido residência.”

(...)

“Foi o termo de Barcelos o mais dilatado de todo o Reino, não tendo havido outro, que o igualasse na população. (...)Constava de cinco Julgados, que eram Faria, Vermoim, Penafiel, Aguiar e Neiva. Coma nova divisão judicial está muito resumido, constando apenas de 90 e tantas freguesias, o que se muito prejudicou os interesses, e importância da Vila, foi uma medida justíssima, e necessária à comodidade dos povos, muitos dos quais residindo 7 e 8 léguas distantes dela, tinham de abandonar suas casas, e lavouras, às vezes dias, para requererem seu direito, ou darem um depoimento como testemunhas.”

Uma das primeiras notícias que conhecemos acerca da criação da indústria em Barcelos diz respeito ao estabelecimento, em Junho de 1866, junto à ponte medieval, duma fábrica de colins, com cinco teares, pertencente aos tecelões da nova fábrica de Joane.

O “Jornal do Povo” afirmava tratar-se de “um grande melhoramento para Barcelos, infelizmente porém, não empreendido por filhos seus que desses, uns integram-se nos misteres de seus pais e os outros dão-se pela maior parte à preguiça e a um nada fazer ainda que a cometimentos de tal ordem.”

E terminava, dizendo que esta “tentativa” seria bem sucedida e que chamaria a esta ramo da indústria novos concorrentes, em virtude da boa situação da vila, da facilidade de comunicações, e da proximidade do rio Cávado.

Mas o sector industrial demorou a implantar-se em Barcelos, apesar dos esforços de alguns barcelenses, entre os quais, o comendador José Marques, Dr. Rodrigo Veloso, Manuel José de Sousa, comendador Coelho da Silva, sobretudo este capitalista, e Domingos de Figueiredo que passaram a fazer parte de uma Comissão saída da segunda reunião na sede da Associação Comercial de Barcelos, em julho de 1894, com a finalidade de elaborar os estatutos dum “estabelecimento próprio” para

dar o maior desenvolvimento a todas as “indústrias possíveis”.

Uns anos mais tarde, e a propósito da realização da Exposição Industrial do Porto, onde se fizeram representar Fafe, Guimarães, Braga e Famalicão, Barcelos não esteve presente.

“Barcelos não tem vida industrial; os nossos capitalistas são de uma retração que causa dó; nós o que podíamos mandar era uma coleção de processos do foro, com a sua iniciação – em nome de Deus amem – que é, infelizmente, se cuida. Fraca indústria a da rabulice; pois aí está o que nós podemos enviar à exposição do palácio de Cristal, uma lástima!” – afirmava o Pancrácio (leia-se Abade António Paes de Vilas Boas), nas suas “Cartas d’Aldeia”, de “O Comércio de Barcelos”, de 28 de novembro de 1897.



Fábrica de moagem a vapor, “Mimosa”

Nos inícios do século XX, Barcelos era um concelho essencialmente agrícola, baseado na cultura do milho e do vinho e na criação de gado bovino. Além das indústrias de fabrico da telha e de louça de barro, começaram a instalar-se, na então vila, próximo da estação de caminho de ferro e nos arredores algumas pequenas indústrias

Em 1903, “A Mimosa”, uma fábrica de moagem a vapor, situada na freguesia de Tamel S. Veríssimo, pertencente aos irmãos Manuel e Joaquim Lopes Monteiro e cujas ruínas ainda hoje são perfeitamente visíveis.

Em 1905, a fábrica de serração “J. Salort & Companhia”, mais tarde, “Juan B. Domenech, Limitada”, fábrica de serração, junto à estação do caminho de ferro, cujo sócio gerente era D. José Domenech, um cidadão espanhol natural de Denia, província de Alicante. Depois construiu fábricas do mesmo tipo, todas elas filiais da fábrica de Tuy, em Marrancos, Ponte do Bico, Laúndos, Nine, Barroselas e S. Bento da Várzea.

Esta fábrica fixou em Barcelos uma comunidade de espanhóis da região de Alicante que ainda hoje perdura e se perpetuou em numerosas famílias.

Em 1906, a fábrica de serralharia a vapor “A Barcelinense” situada,

inicialmente, na rua de Baixo (atual Miguel de Ângelo), em Barcelinhos, e, mais tarde, junto da avenida Onze de Fevereiro (actual avenida Alcaides de Faria), propriedade da firma "Leão & Dias", de Manuel Baptista Ferreira Leão e Manoel Gomes Dias.

Em 1911, uma fábrica de Lacticínios, propriedade de António d'Azevedo, na Quinta da Boavista ou Quinta da Senhora do Ó (actual Campo 25 de Abril).

Em 1914, foi inaugurada nos baixos da casa de Joaquim Matos, no Campo da Feira, uma fábrica de gasosas, sendo seu proprietário, Anselmo de Miranda.

Em 1916, iniciou-se a construção da Fábrica de Moagem do



Fabrica de moagem do Cávado

Cávado instalada muito próximo à estação de caminho de ferro. Começou a funcionar, em 1920, como propriedade da sociedade "Vinagre & Borges, Lda."

A partir de junho de 1956, a Fábrica de Moagens do Cávado passou a designar-se como "Fábrica Vouga", uma fábrica de moagem de trigo, centeio e milho e silos, que produzia farinhas de alta qualidade e uma fábrica de alimentos compostos para animais, a "Vouga-Protector".

Em 1920, foi fundada a Fábrica de Cerâmica de Barcelos, de "Ramos & Companhia, L.dª", no lugar da estação, Arcozelo, destinada

ao fabrico de louças e material cerâmico de construção.

A fábrica foi comprada, nos finais da década de 1950, por Felisbelo Bernardo Rodrigues de Castro, natural de Godim-Peso da Régua. Em 1981, foi vendida à sociedade "Liquito Pinheiro Rocha e Reis", de Viana do Castelo, mantendo-se em funcionamento até 1990-1991.

Em 1921, a Fábrica Barcelense, uma fábrica de rendas e passamanarias fundada por João Duarte, depois, de meias e peúgas e, mais tarde, de malhas e confeções.

Este industrial haveria de contribuir para a fundação de outras fábricas, a Fiação e a Tebe que, tal como a Barcelense, se situavam na chamada rua das Fábricas, a rua Cândido da Cunha, famoso pintor barcelense.

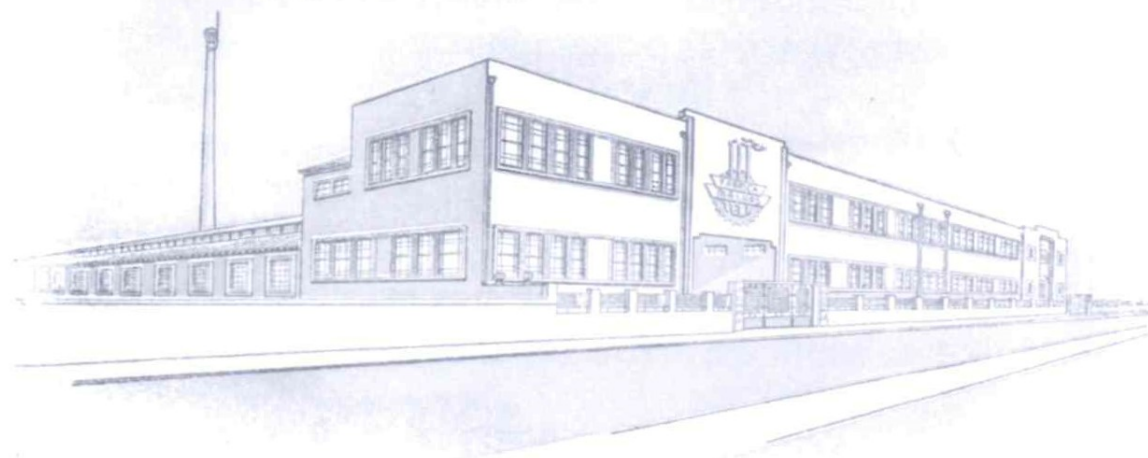
A Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos foi fundada em 2 de fevereiro de 1923, com um capital social de 800 contos e tendo como principais acionistas João Duarte Veloso, Amadeu Duarte de Azevedo, António Guilherme Nunes Hall, Eugénio Roriz Azevedo e Jorge Cardielos.

Esteve situada, inicialmente, na rua Cândido da Cunha, e, desde 1968, na rua da Azenha, em Tamel de S. Veríssimo.

A crise que afetou a indústria têxtil, motivou que fosse adquirida por um grupo constituído por Joaquim dos Anjos Costa, Joaquim Azevedo Barbosa e Artur Ferreira da Costa, a quem foi confiada a administração da empresa e que lhe deram o incremento necessário. Inicialmente dotada com 1.200 fusos de fiação, foi posteriormente completada com as secções de Torcedura e Tinturaria que lhe permitiram produzir fios mais variados e de melhor qualidade para abastecimento das indústrias da época.

Administrada, com saber e rigor, por Artur Ferreira da Costa até aos anos 40, a Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos contou, a partir desta data, com a colaboração do filho e sócio-gerente Artur Taveira da Costa e do seu genro, engenheiro Amaro, igualmente sócio-gerente. Passou a ter em laboração 5.872 fusos de fiação e 236 trabalhadores.

A partir de 1958, com a aquisição das quotas dos herdeiros de Joaquim dos Anjos Costa por Artur Ferreira da Costa, deu-se início à constituição de uma sociedade familiar, dado que só não pertencia à família Costa a quota da herdeira do Dr. Joaquim Azevedo Barbosa, mas que veio a acontecer em 1988, com a aquisição dos netos do fundador, Artur Luís Fonseca Taveira da Costa e José Alberto Fonseca Taveira da Costa, que com o pai Artur Taveira da Costa e o primo, Carlos Joaquim F. da Costa, fizeram parte da Administração da Empresa.



TEBE - Empresa Têxtil de Barcelos, Lda^a

A “Tebe”, Empresa Têxtil de Barcelos, Lda., fundada em 7 de fevereiro de 1945 por João Duarte, Mário Campos Henriques, Francisco Torres, Nunes Hall, Eugénio Pinheiro e outros pequenos sócios.

O seu principal objetivo era a exploração da indústria de malhas e de passamanarias. Baseou o seu primeiro ciclo de crescimento industrial no fabrico de malhas interiores, em algodão, para homem e senhora, cujo destino era o mercado interno. Pioneira no fabrico da malha, a Tebe começou a sua atividade com a instalação de um tear circular e uma pequena confeção, empregando cerca de 20 pessoas.

Em 1965, Mário Campos Henriques perante o desentendimento dos sócios fundadores, passou a ser o único sócio, comprando-lhes as quotas, com um empréstimo do Banco Português do Atlântico, avalizado por um grande industrial de Santo Tirso.

No tempo deste empresário, a Tebe chegou a ter uma equipa de ciclismo que participou na volta a Portugal, uma equipa de hóquei em patins que chegou a ser campeã do Minho e, mais tarde, uma equipa de futsal. Teve ainda um grupo coral, uma piscina, inaugurada em 26 de março de 1963, e balneários ao dispor dos trabalhadores, refeitório com estufa e frigorífico, um infantário, posto médico e um boletim social, semestral, dirigido por António Baptista, conterrâneo de Campos Henriques e natural de Pinhel.

Na altura do seu falecimento, a Fábrica de Malhas Tebe tinha cerca de 1.400 operários, com uma filial na freguesia da Meadela, em Viana do Castelo, estando ainda ligado a diversas empresas industriais.

Ao crescimento acelerado na década de sessenta da Fábrica Tebe, com o comendador Campos Henriques, seguiu-se a aquisição, em 1972, pelo empresário francês, o Comendador Leo Gros, cuja capacidade e coragem foram determinantes para garantir a continuidade da empresa. Nunca deixando de acreditar na empresa e em Portugal, Leo Gros, apoiado pelo Dr. Machado Rodrigues, procedeu a uma profunda remodelação da Tebe, nos seus equipamentos, processo de fabrico e de gestão e estratégia comercial. A este sucedeu o seu filho François Gros e a mulher Noël Gros, criadora da marca de vestuário infantil Petit Patapon, acabando por encerrar na primeira década deste século.

Ali bem perto destas fábricas, prosperaram diversas fábricas de serração de madeiras.

A União Industrial Barcelense, Lda., também conhecida por “Serração Coutinho & Ca.”, constituída por escritura de 23 de julho de 1923, com o capital de duzentos e quarenta mil escudos, para explorarem o comércio de relojoaria, compra e venda de madeiras, serração, carpintaria, marcenaria, etc.

Esta fábrica foi desativada em 1950-1960, tendo parte do terreno sido comprado pela “Serração Gonçalves & Filhos L.d^a” e outra parte por José Duarte, proprietário de uma cartonagem que pertencera a Adelino Pereira Linhares.

A serração “Gonçalves & Filhos, Lda.” situava-se entre a Avenida Alcades de Faria e a Rua Elias Garcia e foi fundada, na década de 1940, por José Araújo Gonçalves. Após a sua morte, em 1965, ficou a pertencer aos seus filhos que continuaram com a laboração da fábrica. Por volta de 1974, a sociedade ficou nas mãos de cinco dos irmãos: Avelino, Luís, Manuel, João e António Mano Gonçalves, tendo encerrado em 1985.

“Gomes & Ca.”, fábrica de serração de madeiras, que funcionou nas traseiras da fábrica Tor. Pertencia a uma família portuense e tinha a sua sede naquela cidade, na Avenida dos Aliados, tendo encerrado nos finais da década de 60.

A serração “Costas & Quintela, Lda.”, foi fundada em 1957, numa sociedade por quotas entre Emídio Ferraz Meneses Quintela, Manuel Dias da Costa e Teófilo Ferreira da Costa. Foi vendida, cerca de 1974, por Jorge Quintela, filho de Emídio, aos seus antigos sócios e acabou por encerrar nos anos 80.

No sector têxtil, são de referir ainda empresas já desaparecidas, mas que contribuíram para o crescimento económico.

Fábrica de Malhas C.M. que existiu no lugar do Souto, em Arcozelo,

pertença de Carlos Matos e encerrou na década de 1980.

A Arcotex, que funcionou, desde 1976, no local da antiga fábrica de serração Domenech. Esta fábrica de malhas pertenceu ao Dr. Francisco Trigueiros, Boaventura Sá, um dos fundadores da fábrica de malhas, "Parque" e Celestino Alves da Silva. Dois anos depois, estes dois sócios saíram, ficando apenas o Dr. Francisco Trigueiros que associou à empresa os filhos Luís e Nuno Trigueiros.

A fábrica, que chegou a empregar 70 trabalhadores, encerrou em 2000. Ainda se deslocou para a Tunísia, mas encerraria dois anos depois.

Malhas Comax, que começou a funcionar em 1965, na avenida Dr. Sidónio Pais e, depois, no lugar das Pontes, em Arcozelo. Era seu principal acionista José Luís Magalhães Vieira que, em 1978, cedeu parte da sua quota de mil e quinhentos contos a Valdemar Rodrigues Araújo, que esteve pouco tempo na sociedade, e a Maria Arminda Moreira Magalhães Vieira, a que se juntou mais tarde José Luís Vieira.

Esta fábrica de malhas encerrou em 2001 e chegou a ter um grupo coral.

A CEE – Empresa Europeia de Confecções que começou a laborar em 1972, no lugar de Valpaços, em Arcozelo, onde está atualmente a Modelmalhas.

Esta fábrica que chegou a empregar mais de 200 trabalhadores encerrou em 1998. Sucedeu à Têxtil Vale do Cávado fundada no início da década de 1960. Fizeram parte do seu Conselho de Administração, Dr. Alfredo Ferreira Clemente, presidente, Dr. Manuel Baeta Trindade, João Maciel Brito Limpo Trigueiros, que foi presidente do Gil Vicente F.C., e Dr. Victor Manuel da Fonseca Maia, administradores.

Na enumeração de outras indústrias, vamos seguir Mário Costa, no seu excelente capítulo "Um roteiro do património industrial de Barcelos", publicado no livro "O Turismo em Barcelos", 2020.

A Fábrica de Malhas Guial foi fundada em 6 de maio de 1953, por Alberto Guimarães e Óscar Alçada, que começou por trabalhar na Fábrica Barcelense, com um capital de 1500 contos. Aos sócios iniciais, juntaram-se os conhecidos proprietários barcelenses, Dr. José António e António Luís da Fonseca. Mais tarde, Eugénio Pinheiro acabou por comprar a quota destes proprietários e, já na década de 80, a dos sócios iniciais, tornando-se o único proprietário da empresa.

A fábrica, instalada junto ao rio Cávado, em frente ao Bairro da Misericórdia, tinha tinturaria, tricotagem de malhas, uma secção de peúgas, confeção de lingerie e outras roupas interiores para senhora

e homem, camisas de dormir e robes para senhora. Inicialmente tinha também cartonagem, que depois acabou. Produziam poucas roupas exteriores.

Em 2006, é criada a Confeguiál, Confecções Têxteis, Lda, devido aos múltiplos problemas económicos que a empresa enfrentava. Em 25 de agosto de 2011, a Fábrica de Malhas Guial acabou por ser liquidada.

A Tor, “Torres e Companhia, Limitada”, foi fundada em 1959 por uma sociedade constituída pelo médico, Dr. Francisco Torres, os filhos, Eng^o Francisco Torres e o também médico, Dr. José António Torres, Vicente Mahiques Senti, Telmo Moreira de Carvalho e o psiquiatra, Dr. Eduardo Teixeira de Sousa, genro do Dr. Francisco Torres.

Para além dos sócios iniciais, Eduardo António, chefe de confeção e principal criador e modelista e Francisco Carvalho, natural de Vila Real de Trás-os-Montes, bancário, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, tornaram-se também sócios minoritários.

O engenheiro Francisco Torres tinha anteriormente estudado em Inglaterra e chefiado a secção de teares da Tebe, a convite de Mário Campos Henriques, acabando por se tornar o principal sócio quando os pais morreram.

Com a morte deste, a esposa vendeu a sua quota, que foi comprada pelo Dr. Carlos Teixeira de Sousa, filho do Dr. Teixeira de Sousa e de Maria Emília Torres. Dois novos sócios entraram para a sociedade: António Amaral e Joaquim Pereira, ambos de Barcelinhos, que recorreram ao crédito bancário para comprar as suas quotas. A administração foi atribuída ao Dr. Francisco João Torres, presidente, Dr. Carlos Teixeira de Sousa, vogal e Joaquim Pereira da Silva, também vogal.

Em 2001, são criadas dentro das instalações da empresa mãe “Têxtil F. Torres, S.A.”, três novas empresas: Têxtil F. Torres – Tinturaria e Acabamentos III, SA; Têxtil F. Torres Tecelagem, S.A.; e Têxtil F. Torres – Confeções IV, S.A., sendo o capital social das mesmas detido a 100% pela empresa inicial, às quais os trabalhadores seriam alocados sem perda de direitos ou regalias, nomeadamente remuneração e antiguidade

Foi com esta sociedade que a empresa abriu falência em 2008.

Em 1957, António Sampaio Falcão, um dos maiores empresários barcelenses, fundou a sua própria empresa têxtil. Liderado, atualmente, pelo filho, Dr. António Alexandre Falcão, o grupo empresarial agregou, à empresa inicial, uma outra – a “Fitexar”, que se mudou, entretanto, para o complexo industrial de Arcozelo.

O empresário foi sócio, com o médico Dr. António Coutinho e Eugénio

Brochado (sócios da filial da Renault em Barcelos) da “Solastique, Sociedade Industrial de Elastómeros, Lda.”, uma sociedade por quotas, fundada em 1970, e situada em Arcozelo, no local das antigas instalações da serração Domenech. Fundou igualmente a “Fiarel”, uma grande empresa de fiação, por detrás das Termas do Eirogo, encerrada há vários anos.

A “Sonix” foi fundada em 1967. O nome inicial era “Sociedade Industrial Casal do Nil”, e só depois mudou a designação para “Malhas Sonix, SA”.

Teve três fundadores que não estavam ligados à indústria e que não ficaram na sociedade que prosseguiu com a fábrica.

A convite de um dos fundadores, formou-se, então, uma nova sociedade composta por António Costa, então técnico de tinturaria e que trabalhou na Tor, Manuel Figueiredo, afinador de máquinas circulares, José Pimenta, responsável pelo escritório e Álvaro Vaz, proveniente de Bragança, mais ligado à gestão. Os quatro dirigiram a Sonix, durante 41 anos, formando uma sociedade por quotas em que todos os quatro sócios trabalhavam.

A Sonix acabou vendida, em 2008, a Conceição Dias, uma empresária barcelense, antiga costureira, criadora do talvez maior grupo têxtil barcelense da atualidade, que integrava, em 2017, além da Sonix, a Diastêxtil, a Modelmalhas (ex-CEE) e a StartexFashion (na Tunísia), mas que já depois dessa data adquiriu uma outra fábrica de confeção com cerca de 30 pessoas, numa estratégia para garantir mão de obra que escasseia na região.

Outro grupo industrial barcelense de relevo está personificado na Valérius Têxteis presidida pelo comendador José Manuel Ferreira. Nasceu como uma indústria têxtil, sobretudo de confeções de moda e é hoje a cabeça de um grupo diversificado, com sede em Barcelos, que inclui empresas e participações no ramo automóvel, a Camport, no calçado, e a conhecida, prestigiada e histórica Ambar, cuja produção acabou de ser transferida do Porto para Barcelos,

Fundada em 1982, pelo Dr. Duarte Nuno Pinto e Laurentino Ribeiro, a P&R Têxteis é, desde 1988, uma empresa familiar cujo capital social é totalmente detido por aquele primeiro empresário e a esposa, Maria da Ascensão Pinto, atual presidente do Conselho de Administração.

Instalada, inicialmente, em Vila Frescainha de S. Pedro, começou por produzir têxteis tradicionais. A partir de 1995, especializou-se na produção de artigos técnicos desportivos, devido à forte concorrência nacional e internacional existente no sector. Equipou, por exemplo,

o lendário velocista UsainBolt. Continua a fornecer a camisola amarela e as dos restantes líderes do Tour de France, uma das mais prestigiadas e importantes competições desportivas do mundo. Produz os equipamentos dos atletas de muitas das modalidades presentes nos Jogos Olímpicos, de Verão e de Inverno, desde 1996. E ainda tem uma marca própria, a Onda, marca vocacionada para os desportos aquáticos (surf, bodyboard, etc), que representa cerca de 15% de toda a sua produção.

Asics, Adidas, Puma e uma parceria com a LeCoqSportif, são as principais marcas produzidas pela P&R.

Faz parte desde 2008 da COTEC (Associação Empresarial para a Inovação e Cooperação Tecnológica), tendo sido a primeira empresa têxtil a fazê-lo.

Instalada na freguesia de Tamel S. Veríssimo, em 2017/2018, a empresa investiu cerca de 5M€ duplicando e modernizando as suas instalações fabris e administrativas, onde funciona um centro de formação, (uma “academia”), em parceria com o IEFP, para garantir a atualização profissional dos seus funcionários.

A elevada qualidade dos seus produtos é garantida pelas parcerias com o Centro Tecnológico da Indústria Têxtil – CITEVE, com as Faculdades de Ciência e do Desporto das Universidade de Coimbra e do Porto e com o Comité Olímpico Português.

Impetus, Sidonios, Cordeiro Campos, Becri, Givec, Silsa, Somália, Jadifex, são outros casos maiores e mais consolidados, a par de umas quantas outras e de uma rede de microempresas em regime de subcontratação.

A aposta na moda, nos têxteis técnicos, na economia mais avançada, está aberta por estas empresas que sucederam aos pioneiros do século passado, e pelos constantes investimentos em inovação e desenvolvimento, ou pelo esforço de criadores jovens, como o caso mais recente da Smartex, uma startup em que participa um barcelense criado na indústria têxtil local.

A Kristaltek e a KTK são também um caso do rumo que estes industriais já abriram na construção e comercialização de máquinas e instrumentos para o sector. Um caminho provavelmente nunca antes sequer imaginado nas mais remotas cogitações dos industriais barcelenses, que se serviam das economias mais avançadas da Europa e do mundo para equipar as suas fábricas.

Mas Barcelos não é exclusivamente indústria têxtil, segundo Mário Costa que vimos seguindo nesta parte da introdução deste catálogo.

Há ainda a indústria de calçado que se localiza nalgumas freguesias do Concelho (Carvalhal sobretudo), a fábrica de charcutaria Carnes Landeiro, em Silveiros, pese a sua origem no vizinho concelho de Famalicão, ou "A Vianense", histórica fábrica de chocolate recuperada no extremo norte do concelho, em Durrães, por um empresário barcelense.

A FÁBRICA BARCELENSE

Quando em 1921, João Duarte, com um grupo de amigos de



Barcelos e do Porto, constituiu a sociedade por quotas que fundaria a Fábrica Barcelense, abria-se uma nova época na história da indústria, em Barcelos, pois a existente limitava-se à serração de madeiras e à cerâmica.

Eram tempos difíceis, devido às sequelas da guerra de 1914/1918 e Barcelos vivia do seu comércio e agricultura.

A unidade fabril começou por funcionar, provisoriamente, nos baixos da casa da família Vieira, ao Campo de S. José, passando, depois, para um terreno, que foi previamente adquirido.

A Fábrica Barcelense iniciou a sua atividade com o fabrico de rendas e passamanarias, mas os problemas que se foram deparando com a dificuldade na importação de acessórios e material de fabrico, obrigaram, em 1931, a lançar-se no fabrico de meias e peúgas, surgindo, em 1935, a secção de tinturaria. Mais tarde, foi dotada com fiação de lã, e, finalmente, em 1960, com a fabricação de malhas e confeções.

Procurando acompanhar o progresso e apresentando a melhor qualidade de fabrico, rapidamente conquistou o mercado nacional, tornando-se a maior fábrica do país.

As dificuldades provenientes da guerra, a instabilidade governativa e a crise financeira do país, criaram um clima de receio e descrença no êxito da indústria. Os seus sócios recearam ver comprometidas as suas pequenas quotas e, em face disso, João Duarte tomou para si as quotas desses sócios e continuou com aqueles que ficaram.

Era necessário expandir as suas instalações, com a incorporação de novos mecanismos e artigos. Para importar máquinas era necessário dinheiro que pediu ao Banco de Barcelos, dando como garantia a própria fábrica que hipotecou àquele banco. Com esse dinheiro, deu



novo impulso à sua indústria, introduzindo nela o fabrico de rendas e de peúgas. Chegou mesmo a entrar para a direção do Banco de Barcelos.

A morte de João Duarte, em 1966, foi sentida por todos, mas a Fábrica Barcelense era uma família e o espírito do seu fundador a todos unia para continuar a sua obra e honrar a sua memória, na pessoa da sua viúva, como principal acionista, e com a cooperação do seu genro, o Arq.to Gaspar de Sousa Coutinho, colaborando na sua administração dois afilhados seus.

Após o 25 de Abril de 1974, a empresa conheceu um período conturbado, com a criação da Comissão de Trabalhadores, mas tudo foi serenando à medida que a razão se sobrepôs a interesses particulares.

Os anos foram passando e as vicissitudes da vida foram sempre enfrentadas com ânimo e fé no futuro, até que a Administração atual, à qual preside o Engº Gaspar de Sousa Coutinho, neto de João Duarte, em face da conjuntura europeia e dos desafios que se vislumbravam no horizonte, decidiu, que era necessário proceder a uma remodelação e atualização total, aproveitando os fundos do Estado, da Comunidade Europeia e do FEDER.

Depois do estudo de um Projeto, iniciado em 1995, e a construção de um edifício fabril concebido para implantar as novas tecnologias, efetuou-se a transferência das instalações do antigo para o novo edifício, no Parque Industrial de Tamel S. Veríssimo, que foi inaugurado em outubro de 1997.

Em 2003, surge a Barcelcom Têxteis, S.A., sendo o principal acionista o Engº Gaspar de Sousa Coutinho. Tem por objeto a importação, exportação, comercialização e distribuição e agenciamento de artigos têxteis, calçado e afins, bem como produção de meias e similares de malha.

A atual presidente do Conselho de Administração é a Dr.ª Vânia Alexandra Pinto Ferreira Fontes.

JOÃO DUARTE VELOSO

João Duarte Veloso nasceu, no Campo dos Touros, em Barcelos, em 19 de março de 1888. Era filho legitimado, em março de 1894, por seu pai, António de Sousa Veloso, natural de Barcelos, coronel do exército, e de sua prima, Maria do Rosário Duarte de Sousa, natural de Barcelos.

Era neto paterno de António José de Sousa Veloso, natural de Barcelinhos e de Maria das Dores Duarte Fiúza, natural de Barcelos e materno de João José de Sousa, natural de Abade de Neiva e de Ana Joaquina Duarte, natural de Barcelos.

Ficou órfão de pai e mãe ainda era criança e, na falta de seus pais, foram as tias maternas, Prazeres, Isabel e Júlia Duarte que o educaram, especialmente a tia Júlia com quem esteve até casar e a quem queria como mãe.

Frequentou a escola do professor Manuel José Pereira Nunes, em Barcelos, tendo concluído a instrução primária.

Com a idade de 13 anos, foi para a cidade do Porto trabalhar para junto dos seus tios Duartes. Inicialmente, numa casa comercial, na rua da Fábrica, do seu tio materno Domingos Duarte, de quem chegou a ser sócio. Aos 14 anos, fez a sua primeira viagem comercial como representante da casa, tendo sido elogiado pelo tio. Depois, deixou a sociedade e a sua casa, ligando-se, também, como sócio, a um outro seu tio materno, José Duarte, estabelecido com o mesmo ramo de comércio na rua Cândido dos Reis.

Aos 20 anos de idade foi à inspeção militar, tendo ficado apurado para o serviço militar.

Logo depois de vir da tropa, associado a dois barcelenses, que estudavam no Porto, um deles na Escola de Farmácia, tentou a primeira experiência industrial, formando uma sociedade de fabrico de perfumarias, que pouco durou.



João Duarte Veloso e a esposa
Maria da Gloria da Cunha Vieira Duarte

Com a idade de 25 anos, um capitalista do Porto, Miguel Teixeira,

conhecedor das suas qualidades de trabalho, de honestidade e de carácter, convidou-o para ambos fundarem uma sociedade comercial de artigos de palheta e flores artificiais, que se instalou na rua de Santa Catarina. A sociedade passou a incorporar o filho de Miguel Teixeira, passando a designar-se “Miguel Teixeira, Filho & Duarte, L.d^a”.

O negócio prosperou de tal ordem que a casa tornou-se pequena e tiveram de mudar para outra casa de três andares, no nº 386, da rua Formosa. Ali montaram um grande armazém dos mesmos artigos e de tecidos de algodão. A firma passou a designar-se “Duarte, Teixeira & C.^a L.da”.

Eram colaboradores desta firma, entre outros, os barcelenses: Jaime e Décio Nunes, Cândido Gonçalves Pereira, João Vaz, Amadeu Azevedo, António Duarte e Mário Soucasaux, e também António G. Nunes Hall, Abel Corte Real de Araújo Leite, Demétrio Lhansol e Celestino Osório.

Alguns deles, mais tarde, foram seus sócios na Fábrica Barcelense.

Sem deixar a outra sociedade, que só abandonou após a morte de Miguel Teixeira, adquiriu uma pequena fábrica de artigos de palheta, na rua Latino Coelho, que passou, depois, para a rua do Almada, nº 517, onde construiu uma fábrica maior, não deixando, porém, o armazém, que tinha fundado anteriormente.

Casou, em 27 de agosto de 1916, pelo Registo Civil, e em 3 de Setembro do referido ano, na Igreja de Vila Frescainha de S. Martinho – Barcelos, com Maria da Glória da Cunha Vieira, natural de Barcelos, de 23 anos de idade, modista, filha de Augusto Cândido Lopes Vieira, negociante, natural de Barcelos e de Paulina Maria da Cunha Vieira,

doméstica, natural de Barcelos e residentes em Barcelos.

Sua esposa regressara da Argentina, onde residira e completara a sua educação.

Foram pais de dois filhos: Maria da Glória Vieira Duarte Veloso de Sousa Coutinho, casada em 1946, com o Arq.to Gaspar de Cadaval de Queiroz Ribeiro de Almeida e Vasconcelos de Sousa Coutinho, ambos já falecidos, de quem teve seis filhos e o Engº João Augusto



João Duarte Veloso em 1956

Vieira Duarte Veloso, já falecido, casado, em primeiras núpcias, com Clara de Assis Corrêa de Vasconcelos Furtado Martins, já falecida, de quem teve cinco filhos e, em segundas núpcias, com Maria de La Salete Praça de Novaes Machado, já falecida, de quem teve três filhos.

Foi avô de João, Gaspar Augusto, José António, Manuel, Maria do Rosário e Joaquim Vieira Duarte de Sousa Coutinho e de João Carlos, Isabel Maria, José Pedro, Marta Maria e Ana Maria Furtado Duarte Veloso.

Faleceu, na sua residência, na rua António Cândido, freguesia de Paranhos, da cidade do Porto, em 18 de março de 1966, véspera da festividade de S. José, de quem era muito devoto, e em cujo dia nascera.

E, no dia em que completaria 78 anos, recebe, no regresso definitivo à terra maternal de Barcelos, uma consagração grandiosa e comovente.

Na Igreja de Santo António, a missa foi celebrada pelo Rev.º Provincial dos Padres Capuchinhos, Dr. Francisco da Mata Mourisca.

“Perdemo-lo, deixou lacuna impossível de preencher” – comentava o Jornal de Barcelos, de 31.03.1966.

Sua esposa, Maria da Glória da Cunha Vieira, faleceu, em Barcelos, em 16 de janeiro de 1983, com 89 anos de idade.

FÁBRICAS FUNDADAS EM BARCELOS E NO PORTO

Em apenas meio século de atividade industrial, João Duarte criou e fez prosperar oito empresas, contribuindo para o desenvolvimento industrial de Portugal e das localidades onde estavam implantadas, Barcelos e Porto.

Além da Barcelense, fundou, em Barcelos, outras unidades fabris:

Em 1923, fundou a Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Ld.^a, em edifício que construiu no seguimento da Fábrica Barcelense, e da qual, passados uns anos, se desligou.

Por escritura de 2 de fevereiro de 1923 –notário Dr. Porfírio da Silva – foi constituída entre João Duarte Veloso, Amadeu Duarte d’Azevedo, António Guilherme Nunes Hall, Eugénio Roriz de Azevedo e Jorge Cardiellos, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada.

Em 1927, já não fazia parte da sociedade, pois por escritura de 22 de março, outorgada perante o notário, Dr. Porfírio António da Silva, os sócios passaram a ser: Joaquim dos Anjos Costa, Francisco Filipe dos Santos Caravana, José de Sousa Festa, Mário da Conceição Rocha, António da Costa Ferreira, Fernando Valério de Carvalho, José da Silva Neiva e Augusto Soucasaux.

Em 1945, fundou a Empresa Têxtil de Barcelos, Ld^a - Tebe, para fabrico e confeção de malhas de nylon e algodão, dela se desligando depois da empresa ter atingido grande projeção.

Na cidade do Porto, fundou outras empresas :

Em 1929, a Fábrica de Malhas de S. Brás, na rua com o mesmo nome, dedicada ao fabrico de peúgas e meias;

Em 1933, a Fábrica do Amial, à rua do mesmo nome, para a fabricação de meias, que deu ao país as primeiras meias cotton, e malhas interiores, à frente da qual haveria de ficar, mais tarde, o seu filho.

Nesta fábrica, destacou-se o seu sócio e chefe de escritório, António Fogaça, sobrinho do poeta barcelense com o mesmo nome, que impulsionou a parte comercial.

Em 1952, a Fil – Fiação do Leça, nos arredores da cidade, à rua Santos Dias, com a colaboração do seu genro, destinada, inicialmente, à produção de fio para as suas empresas e que chegou a ter 1.300 operários.

Adquiriu a SIMF – Sociedade Industrial de Malhas e Fiação, na avenida de França.

A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES

João Duarte preocupava-se com a formação intelectual, técnica e moral dos seus trabalhadores. Além de lhes possibilitar a frequência de cursos de contabilidade e cursos técnicos, criou cursos de afinadores na própria empresa.

Quando foi decretada a Campanha da Educação de Adultos pelo então Subsecretário da Educação Nacional, Dr. Veiga de Macedo, as suas empresas foram das primeiras a contratar professores para ministrar o ensino primário.

Também se preocupou com a formação moral e religiosa dos seus trabalhadores.

No dia 11 de Julho de 1937, resolveu consagrar a Fábrica Barcelense a Cristo-Rei, fazendo a entronização da sua imagem em todas as secções, com a presença do Arcebispo Primaz de Braga, D. António Bento Martins Júnior. Realizou-se uma procissão desde a igreja de Santo António até à fábrica, após a bênção das imagens.

Esta festa foi precedida dum tríduo de pregações na fábrica, terminando com uma peregrinação de todo o pessoal a Fátima.

O professor Domingos Evangelista, colaborador de "O Barcelense" escrevia na edição de 17 de julho de 1937:

"Houve, na festa realizada na Fábrica Barcelense, um brado que me impressionou: Foi este: "Viva o governo dos patrões!" Um operário soltara esse grito e vi-lhe nos olhos o lampejo da sinceridade, quiçá, o enevoadado das lágrimas. É que os estúpidos pensam que governar é mandar. Governar é sempre obedecer; sempre! Quem governa mandando, tiraniza. Mas quem governa obedece ao Ideal escolhido às normas da Beleza que nunca morre, da Bondade e da Justiça que jamais fenecem.

"Viva o governo dos patrões!" E quando os patrões sabem governar, os operários respeitam-nos, adoram-nos. Sentem-se felizes em serem governados, em obedecerem a quem tão bem sabe mandar, a quem tão corajosamente se preocupa com a vida espiritual.

"Viva o governo dos patrões!". Pois então! É assim mesmo, operário amigo. A condição da origem é governarem uns e obedecerem outros. Felizes os que obedecem! E mais felizes quando o patrão é justo."

A OBRA SOCIAL DE JOÃO DUARTE

Em 1925, fundou uma cantina que fornecia, ao meio-dia, uma refeição a todo o pessoal. Terminado este serviço, forneceu o pequeno almoço e a merenda.

Pagava, diariamente, o almoço aos trabalhadores mais débeis.

Visitava o pessoal, nos seus domicílios, verificando as suas necessidades e o seu modo de vida.

Em 1945, entrou em funcionamento um refeitório, para o pessoal



Fábrica Barcelense. um aspeto do refeitório, 1945

poder tomar as refeições.

Quando foram promulgadas as leis do salário mínimo, já a Fábrica Barcelense praticava isso, bem como quando veio a lei de uma semana de férias para os trabalhadores, já muito antes concedia 15 dias de férias remuneradas.

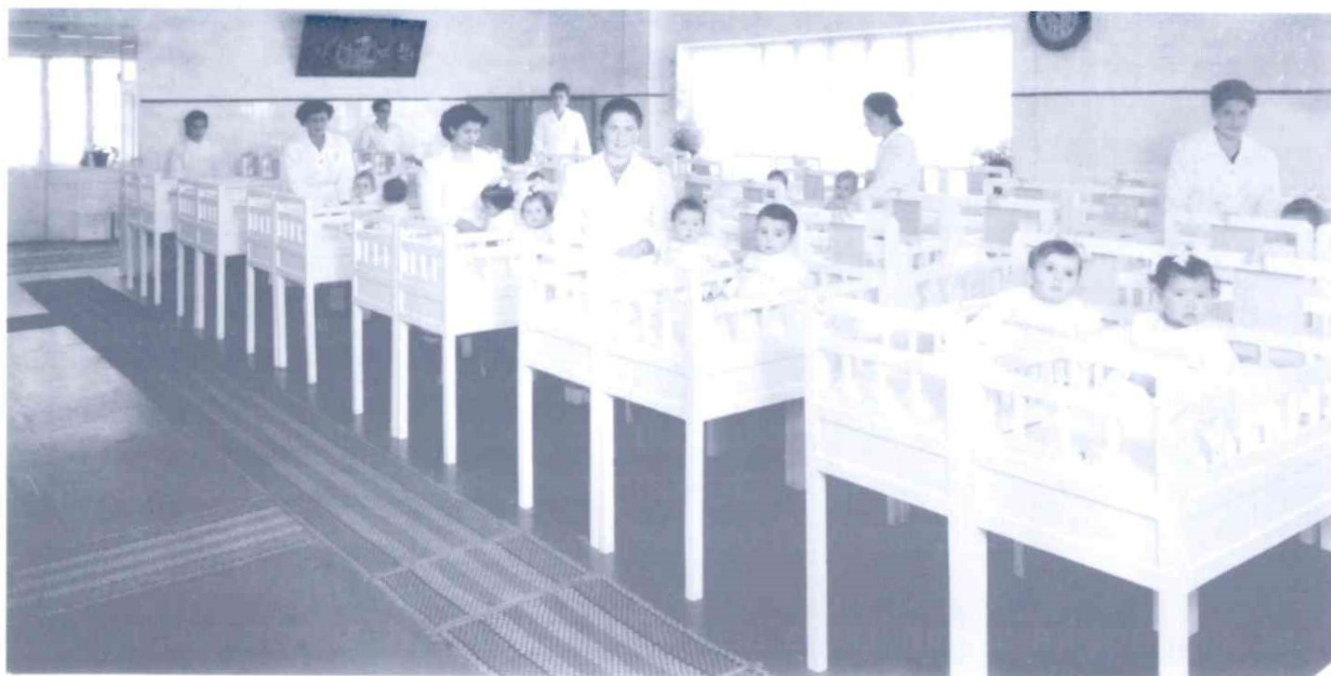
Concedia subsídios aos trabalhadores mais necessitados para levarem as suas famílias à praia, e disponibilizava carrinha ou pequena camioneta para transportar o pessoal de casa à fábrica e vice-versa, quando morasse a grandes distâncias. Além de pagar a muitas trabalhadoras as despesas do casamento, quando contraíam matrimónio, recebiam um subsídio por cada ano de trabalho na empresa, e pensões de reforma por invalidez.

Também na assistência médica se fazia sentir a sua acção, com dois médicos privativos da empresa, fornecendo os medicamentos necessários, bem como pagava as consultas a especialistas e operações.

Na doença, pagava ao seu pessoal, os salários, na íntegra e pagava as viagens dos doentes aos especialistas, fazendo-se muitas vezes essas deslocações no seu carro particular, bem como as consultas e exames radiológicos. Quando havia necessidade de serem operados, preocupava-se em que fossem tratados pelos melhores cirurgiões.

Esta assistência na doença era de tal modo importante, antes da Previdência Social, que em determinado ano a despesa neste sector era mais elevada na fábrica do que no próprio hospital da cidade.

Quando os empregados deixavam o trabalho por invalidez, davam-lhes pensões de reforma. Completava ainda a reforma legal com uma



Fábrica Barcelense. um aspeto da creche-lactário

pensão que permitisse viver dignamente.

No fim de cada ano, gratificava todo o pessoal, conforme as suas categorias, esforço e valor.

Em 19 de Março de 1934, inaugurou uma Creche-Lactário, para os filhos, até aos 3 anos de idade, das suas trabalhadoras, um dos primeiros do país.

O semanário "Notícias de Barcelos, na sua edição de 29 de março de 1934, escrevia:

"Os operários da Fábrica Barcelense, que devem andar por cerca de quatro centenas, na sua grande maioria mulheres, souberam compreender o altíssimo valor do melhoramento de que, para uso de seus filhinhos, foi dotado aquele estabelecimento industrial, que muito honra o nosso país, e mais ainda a nossa terra, quer pelo seu desenvolvimento progressivo, quer pelos benefícios que distribui à classe trabalhadora."

A funcionar numa dependência da fábrica, as salas de estar, de dormir, de banho, e consultório médico, estavam dotadas de todo o conforto e higiene, havendo cuidados especiais na alimentação das crianças.

À sessão inaugural presidiu o presidente da Associação Comercial de Barcelos, Dr. Miguel Fonseca, que se encontrava acompanhado por João Duarte e pelo Prior de Barcelos, P.e Joaquim Gaiolas, que tinha benzido os aposentos.

A poetisa barcelense Dulce de Montalvo representou a revista "Portugal Feminino", da qual era delegada em Barcelos.



Homenagem a João Duarte. Ministro das Corporações
e restantes autoridades inauguram bloco residencial

Manuel Augusto Vieira focou o pensamento que presidiu à criação da Creche Lactário dizendo que não foi necessário, nem é ali necessário, que os operários reclamem melhoramentos nem auxílios, por que os sócios da Barcelense sabem bem compreender as necessidades da classe operária.

Depois de atingirem os cinco anos, as crianças passavam para a creche D. António Barroso, do Recolhimento do Menino Deus.

Em 1935, organiza a colónia balnear infantil, na praia da Apúlia, orientada pelas religiosas Missionárias de Maria.

Também se preocupou com o problema da habitação dos seus trabalhadores. Além de ajudá-los a viver em casas dignas, auxiliava-nos na construção das suas vivendas, emprestando-lhes dinheiro, materiais e até por vezes a mão-de-obra.

Facilitava-lhes o crédito, desipotecendo os prédios, ajudando a repará-los, e saldando-lhes as dívidas.

Em 1939, começou a concretizar os seus planos de construção de habitações para os seus operários, edificando uma casa, na avenida Sidónio Pais.

Em 1941, construiu um bairro de moradias junto da estação de caminho de ferro.

Quando a Câmara Municipal da presidência do Dr. Mário Norton construiu o Bairro Oliveira Salazar (atual 1º de maio), porque ficava um pouco distante e, devido ao custo dos seus aluguéis, ninguém queria ir habitá-lo, ajudou a resolver o problema, alugando as vivendas para os

trabalhadores da sua fábrica, e pagando-lhes as rendas.

Mandou construir um conjunto habitacional para os seus trabalhadores, constituído por dois grandes blocos com 24 moradias, num terreno por ele oferecido à Câmara Municipal da presidência do Dr. Luís Figueiredo, onde se rasgou uma grandiosa avenida que passou a ter o seu nome.

Estes melhoramentos foram inaugurados em 19 de Junho de 1965 pelo Ministro das Corporações e Previdência Social, Prof. Doutor João José Gonçalves de Proença, sendo as moradias benzidas pelo Arcebispo Primaz de Braga, D. Francisco Maria da Silva.

Esta avenida é marginada de prédios pertencentes a empregados da Fábrica Barcelense.

A GRANDE HOMENAGEM PÚBLICA

No dia 19 de Junho de 1965, foi-lhe prestada uma significativa homenagem pública, tendo sido inaugurada a avenida João Duarte e dois grandes blocos habitacionais com 24 moradias, com a presença do Ministro das Corporações e Previdência Social, Prof. Doutor João José Gonçalves de Proença e do Arcebispo Primaz de Braga, D. Francisco Maria da Silva, que benzeu os referidos blocos residenciais.

O Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, Dr. Luís Fernandes de Figueiredo salientou que a obra resultou da conjugação de esforços de João Duarte, do Ministério das Corporações e Previdência Social e da Câmara Municipal, relançado a quota-parte que cabe à iniciativa particular, no desenvolvimento das terras.

O Ministro das Corporações e Previdência Social, Prof. Doutor Gonçalves de Proença afirmou, a dado passo da sua intervenção:

“Para o industrial, o testemunho do nosso apreço, pela boa compreensão que revelou da função da riqueza e pela boa utilização que dela quer fazer, multiplicando-a, e permitindo assim que a todos chegue em maior parte. Para aqueles que vão habitar as casas, os nossos votos de felicidade.”

Após a leitura da ata que consagrava o seu nome na toponímia barcelense, pelo Presidente da Câmara Municipal, Dr. Luís Figueiredo, a menina Maria do Rosário Duarte de Sousa Coutinho, neta do homenageado, descerrou a lápide, que se encontrava coberta com a bandeira de Barcelos, ato que foi muito aplaudido por todos.

Os seus trabalhadores ofereceram-lhe e à sua esposa uma Medalha de Ouro com o emblema da Fábrica Barcelense.

Além de várias referências elogiosas na comunicação social, imprensa e rádio, nacional, os semanários locais, “O Barcelense” e “Jornal de Barcelos” dedicaram edições especiais a João Duarte e à sua obra.

JOÃO DUARTE CONDECORAÇÕES E HOMENAGENS

1936 - Foi condecorado com a Comenda de Mérito Industrial, pelo Presidente da República, Marechal António Óscar de Fragoso Carmona, em 1 de maio.

1937 - Foi agraciado com a Comenda de Cavaleiro da Ordem de S. Silvestre pelo Papa Pio XI, em 5 de agosto. As insígnias foram-lhe impostas pelo Arcebispo Primaz de Braga, D. António Bento Martins Júnior, com a presença das autoridades e de representantes dos sindicatos de trabalhadores.

Sua esposa, Maria da Glória Vieira Duarte, foi agraciada com a Medalha de Benemerência em Ouro, pelo referido Papa, em 9 de julho

Os seus trabalhadores, por ocasião da consagração da fábrica a Cristo-Rei, tributaram-lhe “vibrante e sentida” homenagem. Todos os anos, no seu aniversário, testemunhavam-lhe a sua gratidão, oferecendo-lhe uma lembrança, manifestação que muito o sensibilizava.

1944 - No seu dia de anos, a cidade de Barcelos prestou-lhe uma significativa homenagem que teve lugar nos Bombeiros Voluntários de Barcelos, instituição da qual era benfeitor, e cuja direção era presidida pelo Dr. Manuel Baptista de Lima Torres.

1965 - No dia 19 de Junho, em que foram inaugurados os blocos residenciais para os seus operários e a avenida com o seu nome, o pessoal ofereceu-lhe uma Medalha em Ouro com o emblema da Fábrica Barcelense.

1967 – Descerramento do retrato de João Duarte da autoria do pintor barcelense Gonçalves Torres, na Casa dos Rapazes, instituição protegida pela família Duarte Veloso, em 22 de Abril.

O MONUMENTO A JOÃO DUARTE

Situado no largo dos Capuchinhos, no cruzamento da avenida dos Combatentes da Grande Guerra com a rua Cândido da Cunha, tem por pano de fundo, para além da Igreja de Santo António, o edifício da “Fábrica Barcelense”.

Trata-se de um monumento composto por uma grande estátua de

corpo inteiro, em bronze, assente numa base.

O monumento, que foi erguido por subscrição pública, é da autoria do escultor Eduardo Tavares, professor da Escola de Belas Artes da cidade do Porto.

Na sua inauguração, dia 9 de julho de 1967, esteve presente o Ministro das Corporações e Previdência, Dr. Gonçalves de Proença. Foi orador o Dr. Henrique Veiga de Macedo.

A inauguração foi precedida de missa celebrada, na Igreja de Santo António, pelo Arcebispo Primaz de Braga, D. Francisco Maria da Silva.

A estátua, em pé sobre um pedestal de pedra lavrada que mede 1,50 m de altura, por 0,80 de largura, tem aos pés o nome do homenageado em dedicatória e a data de 9-7-1967; a seu lado norte, e recuado, cresce, imponente, um obelisco de granito, de 7 metros de alto, que nas faces norte e sul, ostenta expressivas legendas gravadas, sintetizando o Homem que ali se eleva aos olhos de quem passa. Do lado sul, lê-se: "Por subscrição Pública".

No pedestal, lado norte, encontra-se uma alegoria, em bronze e em baixo relevo, onde se vê uma jovem figura feminina, numa posição de força e atividade vigorosa, aparecendo no cimo o sol que dá energia e aquece a humanidade, e uma pomba bondosa e mansa, tudo simbolizando a energia e a bondade, que foram características vincadas da vida de João Duarte.

V.P.

BIBLIOGRAFIA

Jornais

O Barcelense, O Comércio de Barcelos, Folha da Manhã, Jornal de Barcelos, Notícias de Barcelos, A Voz do Minho

Revistas

"Concelho de Barcelos: Freguesias", Arcozelo (1) e (2), Jornal de Barcelos, 15 e 22.04.2015

Monografias

João Duarte: um Homem, uma Obra, Barcelos, 1967, Turismo em Barcelos, Barcelos, 2020

FICHA TÉCNICA

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

Dr. Mário Constantino – Presidente da Câmara Municipal de Barcelos

Elisa Braga, Vereadora do Pelouro da Cultura

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS

Dr.^a Ana Paula Brito - Chefe do Gabinete de Bibliotecas

COORDENAÇÃO

Dr. Victor Pinho - Investigador

COLABORAÇÃO

Eng^o Gaspar de Sousa Coutinho - Diretor Geral da Barcelcom Têxteis, S.A.

Augusto Machado - responsável pelos Recursos Humanos da Barcelcom Têxteis, S.A.

DESIGN GRÁFICO

Eng.^a Carla Lima – C.M.B.

MONTAGEM

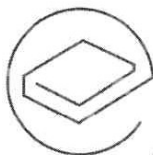
José Faria – C.M.B.

Lucindo Faria - C.M.B.

Sérgio Brito - C.M.B.



BARCELOS
MUNICÍPIO



BIBLIOTECA
MUNICIPAL DE BARCELOS



BARCELCOM
TÊXTEIS

biblioteca
municipal
barcelos



66476

[Fábrica Barcelense]